

DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA DE COMUNIDADES DE PRÁTICAS

Raquel Meister Ko. Freitag

INTRODUÇÃO

No cenário sociolinguístico brasileiro, a diversidade linguística é tema que precisa ser discutido e aprofundado, sob pena da padronização e normatização, em curto espaço de tempo, das variedades linguísticas brasileiras faladas, especialmente fora dos grandes centros. Por isso, iniciativas como o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) são relevantes se aliadas à pesquisa científica de descrição linguística. Neste texto, após uma breve contextualização da Sociolinguística Variacionista no Brasil, mostramos como este campo da ciência pode contribuir para o INDL/IPHAN, ao apresentarmos ações de documentação linguística em comunidades de práticas religiosas e a expansão para o espaço escolar.

Universidade
Federal de
Sergipe.
rkofreitag@
pq.cnpq.br

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA NO BRASIL

Alimentada pela condição continental e plurilíngue, a Sociolinguística Variacionista é, sem dúvida, a subárea da Sociolinguística mais produtiva no Brasil, com ações de diferentes grupos acadêmicos, que têm trazido subsídios para a descrição do português brasileiro (FREITAG; CYRANKA, 2014).

A metodologia da Sociolinguística Variacionista foca a comunidade de fala (LABOV, 1972), entendida não como um grupo de falantes que faz uso dos mesmos traços linguísticos, mas como um grupo que compartilha dos mesmos valores associados aos usos da língua, o que pode ser observado pelos julgamentos de valor (positivo ou negativo) conscientes aos usos linguísticos, em determinado tempo e espaço. A partir da definição da comunidade, são selecionados informantes que possam contribuir com amostra de sua fala.

Por outro lado, Eckert (2000) propõe o estudo da variação centrada nas comunidades de prática, nas quais os indivíduos, ao escolherem pertencer a esta ou àquela comunidade, compartilham repertórios de práticas, entre os quais as práticas linguísticas. A observação de comunidades de práticas permite identificar como as variantes linguísticas assumem significado social, possibilitando estabelecer relação mais direta entre língua e significado do que em um estudo baseado em uma comunidade de fala, que, dado o seu delineamento, não permite controlar as relações estabelecidas entre os falantes e suas implicações na dinâmica linguística.

O estudo da variação linguística como prática social requer, além da realização de análise quantitativa, a observação dos falantes em comunidades de prática. Nesse modelo de análise, a entrevista sociolinguística mostra-se instrumento relevante não apenas para coletar dados de fala, mas também para proceder a um primeiro diagnóstico dos grupos ou comunidades formadas em torno de um empreendimento comum. As narrativas de experiência pessoal favorecidas nas entrevistas sociolinguísticas fornecem pistas sobre a relação em rede (social) dos indivíduos e sobre os grupos em que se constituem as *personas* ou identidades sociais (ECKERT, 2012) reconhecidas em uma localidade. Nas comunidades de prática, a liderança, por exemplo, pode dar ao líder o poder de propor inovações, até mesmo linguísticas, já que o grupo de liderados o legitima e o segue, aderindo aos comportamentos por ele adotados. É também nas comunidades de prática que se pode observar, por meio de estudo etnográfico, como as relações entre uso da linguagem, estilo e construção de identidade se dão para cada indivíduo.

Como podemos ver, a documentação linguística é premissa da Sociolinguística Variacionista e pode auxiliar as ações de registro patrimonial da diversidade linguística no Brasil.

COMO A SOCIOLINGUÍSTICA PODE CONTRIBUIR PARA O INDL?

Instituído pelo decreto presidencial nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, o INDL tem como objetivo atuar “como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (art. 1º). As línguas faladas no Brasil são

classificadas em cinco categorias histórico-sociológicas, de acordo com sua origem histórica e cultural e sua natureza semiótica, podendo ser indígenas, de comunidades afro-brasileiras, de imigração, de sinais, crioulas e a língua portuguesa e suas variações dialetais, categoria que dialoga com as ações de documentação linguística empreendidas pela Sociolinguística Variacionista, como apresentado na introdução. O INDL visa a dar visibilidade à pluralidade linguística brasileira e a permitir que as línguas sejam objeto de uma política patrimonial que colabore para sua manutenção e uso. Nas instruções do INDL para o registro, há destaque para o fato de que as ações missionárias e religiosas sobre as comunidades produzem efeitos linguísticos de vários tipos, o que nos motiva a propor a ação de documentação justamente neste tipo de comunidade de práticas (SOARES, 2008).

O Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013; FREITAG; TAVARES; MARTINS, 2012) tem como objetivo realizar a documentação para subsídio da pesquisa sociolinguística, em seis comunidades de fala do estado de Sergipe (Aracaju, Itabaiana, Lagarto, Estância, Propriá, Canindé de São Francisco). A meta da constituição da amostra é realizar 20 entrevistas sociolinguísticas por comunidade de fala, e, em cada comunidade de fala, realizar a documentação de comunidades de práticas religiosa, recreativas e escolares.

Vejam os como se deu a documentação sociolinguística de comunidades de práticas religiosas, especificamente do *Praesidium* Mãe da Divina Graça da Legião de Maria, no povoado Açuzinho, município de Lagarto/SE (FREITAG; SANTANA; ANDRADE, 2014). Trata-se de um grupo constituído por 13 membros (um homem), de faixa etária e escolaridade diversificadas. A documentação linguística das práticas da comunidade consistiu na gravação das reuniões, que segue um protocolo constituído de preces iniciais, leitura de um trecho do manual do grupo religioso, realização da chamada, aprovação da ata anterior, distribuição dos trabalhos da semana, preces, acompanhamento dos trabalhos da semana anterior e as preces finais. Há, nessa amostra, uma diversidade de tipos textuais (relato, preleção, etc.), bem como de registros (leitura, fala espontânea, oração) e de participantes em situação de interação. Além disso, a comunidade também apresenta registros documentais escritos. Complementar à documentação da prática, a amostra conta com entrevistas sociolinguísticas com os participantes do grupo, cujo roteiro foca tanto a história do grupo quanto a história pessoal.

Embora a finalidade da documentação seja a descrição linguística sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, o registro pode subsidiar

a política patrimonial, na medida que documenta um uso em contexto, e contribui para o INDL/IPHAN.

A constituição do banco de dados é parcialmente financiada pelo projeto “Da expressividade da língua ao mal na literatura: Bases interinstitucionais de pesquisa do PPGL” (CAPES/FAPITEC PROMOB 2013-2015), que resultará em uma amostra sociolinguística digital, com o áudio e transcrição alinhados. O desdobramento das ações de documentação se dará com o projeto “Desenvolvimento de tecnologias sociais para formalização e ressignificação de práticas culturais em Aracaju/SE (Núcleos de Ciência e Tecnologia na Educação Básica CAPES/FAPITEC), cujo objetivo é a sensibilização na educação básica para as práticas de documentação linguística como patrimônio cultural, bem como a formação de recursos humanos especializados, na medida que a coleta de dados de campo na Sociolinguística Variacionista segue um protocolo definido e requer cuidados especiais tanto em termos técnicos, quanto em termos de preceitos éticos (FREITAG, 2014).

PRÁTICAS E RESSIGNIFICAÇÃO

A documentação de práticas para uma política patrimonial ainda é relativamente recente no Brasil, especialmente no que tange ao domínio da língua. É uma ação que se faz necessária para resguardar a padronização e a normatização das variedades fora dos grandes centros e relacionadas a práticas específicas. A articulação dos trabalhos atinentes ao INDL, com a tradição da pesquisa Sociolinguística Variacionista, mostra-se promissora na documentação linguística. A constituição e/ou ampliação de bancos de dados sociolinguísticos contemplando uma variedade do português brasileiro ainda não mapeada (ou pouco mapeada) pode subsidiar as ações de registro patrimonial no INDL.

As contribuições advindas da documentação de fontes orais para descrição linguística, especialmente no escopo das comunidades de práticas, constituem-se em importante ação para a autovalorização da comunidade em foco, que nem sempre apresentam registro formal e documental de sua história e tradição. Por isso, a articulação com a comunidade escolar é importante, ao assumir responsabilidade pelo registro e valorização destes bens de cultura, patrimônio imaterial brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ECKERT, Penelope. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, pp. 87-100, 2012.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 56, p. 917-944, 2012.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTANA, Cristiane Conceição; ANDRADE, Thaís Regina Conceição. Práticas constitutivas do povoado Açuzinho. *Ambivalências*, v. 2, n. 03, p. 194-217, 2014.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; CYRANKA, Lúcia Furtado Mendonça. Sociolinguística variacionista e educacional: tendências metodológicas. In: Adair Vieira Gonçalves; Marcos Lúcio de Sousa Góis. (orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico** Campinas: Mercado de Letras, 2014, v. 2, p. 249-290.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- SOARES, Inês Virgínia Prado. Cidadania cultural e direito à diversidade linguística: a concepção constitucional das línguas e falares do Brasil como bem cultural. *Revista Internacional de Direito e Cidadania*, n. 1, pp. 83-101, 2008.